

Conhecimento é liberdade, Em memória de Ferrer!



**Francisco Ferrer Gardia: A
Pedagogia da libertação**

**A Concepção Anarquista
do Sindicalismo - Neno
Vasco**

**ABEL, Arquivo Bem Estar
e Liberdade**

História de Exploração: Soja

IX Expressões Anarquistas

**Do AEL, ou quando se
perde a memória**

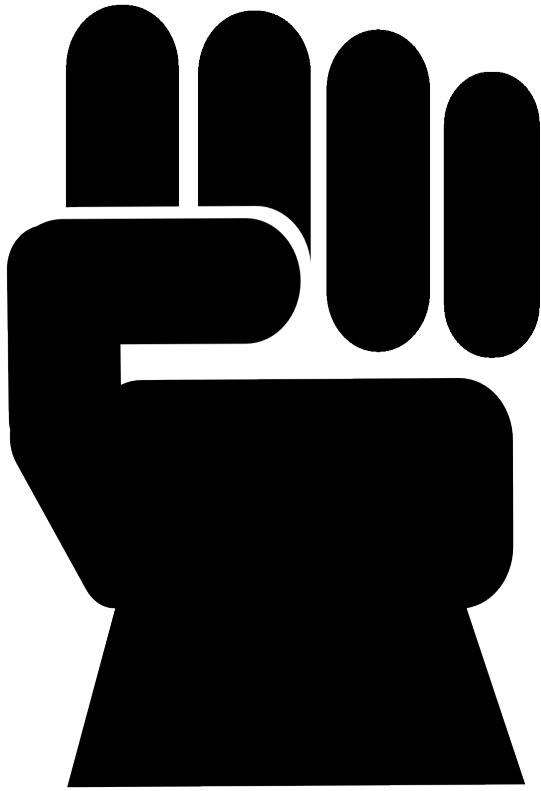
Anarki-sindikatismo

**Voto Nulo e a questão
legal**

**Plenária Nacional da COB-
AIT de Julho 2010**



**UNIÃO E LUTA
TRABALHADOR**



VOTA NULO!

COB-AIT.NET

Da redação

Núcleos e seções da COB-AIT propagam o anarcossindicalismo nas ruas, nas escolas, nas empresas e fábricas. Isso é o que se constatou na Plenária Nacional da COB-AIT.

Nessa edição abordaremos a questão da Soja e seu impacto ambiental e sem retorno social a nossa gente. Um rascunho sobre o Estado e a necessidade de destruí-lo para termos uma sociedade mais justa e livre.

Na parte de esperanto, um pequeno artigo sobre o anarcossindicalismo, da própria seção para divulgação da língua internacional.

Pelo período eleitoral, uma reflexão sobre a nossa campanha de voto nulo e a construção do comunismo libertário por nossas mãos.

Escrevemos sobre o livro de Neno Vasco, A Concepção Anarquista do Sindicalismo, uma importante referência para nossa luta diária.

Boa leitura, conheça, organiza e luta!



SINDIVÁRIOS - FOSP - COB - ACAT - AIT

Sindicato de Ofícios Vários de Campinas

Seção campineira da Federação Operária de São Paulo (F.O.S.P.), associado a Confederação Operária Brasileira (C.O.B.) e a A.C.A.T. e A.I.T.

aurora obreira

Redação: FOSP seção Campinas
Editoração: Sindivários Campinas Revisão: Sindivários de Campinas
Imagens: Arquivo Bem Estar e Liberdade e Biblioteca Social Edgard Leuenroth
Esta revista foi inteiramente desenvolvida em softs livres: Inkscape, GIMP e Scribus em plataforma operacional Linux: Mint 9 (Isadora)

Contatos:
Secretariado da COB-AIT: secretariado@cob-ait.net
FORGS: forgs@cob-ait.net
FOSP: fosp@cob-ait.net
FOM: fom@cob-ait.net
FOGO: fogo@cob-ait.net
CEPS: ceps_ait@forgs.cob-ait.net
FOSP Alto do Tiete: altotiete@fosp.cob-ait.net
FOSP Artes e Espetáculos:
auroraobreira@yahoo.com.br
FOSP Franca: franca@fosp.cob-ait.net
FOSP Sao Paulo: saopaulo@fosp.cob-ait.net

Sindivários Campinas - Caixa Postal: 5005 -
CEP: 13036-970 - Campinas/SP
correio eletrônico: campinas@fosp.cob-ait.net

Aurora Obreira - Revista Anarcossindicalista - nº 05 - COB-AIT - setembro/outubro 2010. Revista do Sindivários Campinas, divulgando e informando sobre o anarcossindicalismo, base para comunismo libertario.
Sobre Licença Creative Commons:
<http://creativecommons.org/licenses/by-nc-sa/2.5/br/>:

Você pode: * copiar, distribuir, exibir e executar a obra * criar obras derivadas Sob as seguintes condições: * Atribuição. Você deve dar crédito ao autor original, da forma especificada pelo autor ou licenciante. *Uso Não-Comercial. Você não pode utilizar esta obra com finalidades comerciais. *Compartilhamento pela mesma Licença. Se você alterar, transformar, ou criar outra obra com base nesta, você somente poderá distribuir a obra resultante sob uma licença idêntica a esta.

<http://fosp.anarkio.net>
<http://cob-ait.net>
www.iwa-ait.org

A EMANIPAÇÃO DOS EXPLORADOS E OPRIMIDOS É OBRA DOS PRÓPRIOS EXPLORADOS E OPRIMIDOS





Esta Revista contém:

Plenária Nacional de Julho 2010 - COB-AIT	05
Construindo a liberdade X Destruindo o Estado	06
Francisco Ferrer Gardia: A pedagogia da libertação	12
ABEL, Arquivo Bem Estar e Liberdade	17
Do AEL, ou quando se perde a memória	19
IX Expressões Anarquistas	21
A proposito da organização de um partido operário	25
Entrevista da FOSP dada ao Coletivo Kausadores de Revolta de Itu	27
Anarki-sindikatismo	30
Voto Nulo e a questão legal	31
A realidade da perda do vetor social do anarquismo na década de 30	34
A Concepção Anarquista do Sindicalismo	37
História de Exploração: Soja	41





Plenária da COB-AIT julho 2010

No dia 25 de julho de 2010, ocorreu a Plenária da COB-AIT. A reorganização da Confederação Operária Brasileira, seção da AIT obteve mais um avanço, com a presença de delegados da Federação Operária Mineira (FOM-COB-AIT) e da Federação Operária de Goiás (FOGO-COB-AIT) e da manifestação da Federação Operária de Sergipe (FOSE-COB-AIT) por um delegado da FOSP. As discussões foram no sentido de preparar o Congresso da COB-AIT, um importante marco para o sindicalismo revolucionário em nosso país.

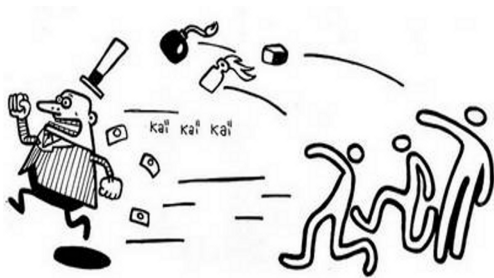
Avança a proposta anarquista que não nega a força revolucionária dos trabalhadores, que através do sindicalismo revolucionário promove a organização dos oprimidos e explorados de forma unida e solidária resgatando a prática de unir as lutas e não de fragmenta-las ou criar compartimentos, especializações reflexos da divisão capitalista do trabalho. Afirmou-se que a luta de emancipação é feita por todxs em todos os sentidos, e que a luta econômica anarcossindicalista não é apolítica, muito pelo contrário é o rompimento com o modelo representativo que frustra a expressão dos trabalhadores e de suas reais necessidades de emancipação, de bem estar e liberdade.

O anarcossindicalismo da COB-AIT é o único que realmente propõe a ruptura total com o sistema político e econômico, não se submete ao Ministério do Trabalho e nem mendiga recursos do Imposto Sindical Obrigatório. A luta é ampla e está além dessa fucinheira getulista da CLT e da OIT que manteve a opressão e exploração de gerações de trabalhadores e que continua atualmente.

A COB-AIT propõe o rompimento radical com essa lógica burocrática sindical e ao sindicalismo reformista que as grandes centrais sindicais mantêm. É impossível a conciliação dos interesses dos trabalhadores com os dos patrões e empresários, a harmonização do trabalho será desmascarada por um sindicalismo de luta, de ação direta dos trabalhadores.

Um alerta foi feito na plenária sobre o avanço contínuo contra os direitos dos trabalhadores pelo patronato mundial, que a crise só fez aprofundar ainda mais, não só sobre os trabalhadores terceirizados, mas sobre todos os trabalhadores, em todos os ramos de produção.

Saiba mais, associa a COB-AIT e vá a luta por bem estar e liberdade!



Construindo a liberdade X Destruindo o Estado

A destruição é um ato construtivo

O pensamento libertário sustenta o fim o Estado. É hora de torna-lo uma parte do programa de ação revolucionária, e pretendemos neste texto contribuir com esse processo. A sociedade para se tornar livre deve destruir o Estado, pois ele é seu algoz, seu limitador, seu explorador.

Uma sociedade sadia não precisa do Estado, caracterizado como parasita, um predador voraz, um hospedeiro indesejado no seio da sociedade, absorvendo suas melhores virtudes e deixando os piores vícios. O desenvolvimento da sociedade é inversamente proporcional ao do Estado e vice versa.

O Estado é uma criação humana para gerenciar as relações dos indivíduos e seus coletivos. No decorrer do tempo o Estado assumiu vários matizes que vai da monarquia a democracia, sempre podendo os indivíduos e sua liberdade. Vamos precisar melhor:

1-Definições de Estado:

Estado origina-se de Status, o que na Roma definia a situação de seus indivíduos juridicamente.

O Estado moderno surge aproximadamente entre os séc. XIII e séc. XVIII (e talvez parte do séc. XIX assumindo aspectos atuais), redefinindo a geografia social e política da Europa e depois para o mundo, alterando irreversivelmente as relações sociais existentes em todo o canto do planeta. Um dos primeiros modelos de Estado instituído registrado é de Frederico II da Suábia (1194-1250) que herdou da Sicília e foi imperador alemão que desenvolveu um modelo centralizado e burocrático, elemento essencial de qualquer Estado. As tensões políticas policêntricas dos feudos tenderam a convergir em relações centradas e unificadas sobre alianças e guerras, tornando possível um governo único.

Na Idade Média, os inúmeros feudos constituíam-se pequenas comunidades independentes com regras, leis, cultura e impostos diferentes. Mantinham exércitos próprios e viviam em choque entre seus vizinho. Em cada feudo, um viajante pagava tributos, pedágios e seguir as regras de cada lugar. O comércio tornava-se muito caro por conta disso, o que favorecia sempre aqueles que possuíam influência em vários feudos. Nesse período formam-se as primeiras associações comerciais que visavam defender e proteger os interesses econômicos de seus associados e ampliar sua participação nos diversos feudos e cidades.

Em vários casos, a unificação de feudos em um governo único, tornava-o mais forte com um exército regular

recrutado de cada feudo, mais rico captando os impostos para o novo reino, mais estável por dissolver as guerras entre feudos, ou pelo menos tentar.

As principais características que perdurariam mais ou menos em cada Estado seriam a centralização política, um governo forte e direcionador das decisões; afirmação de um território, elemento físico de determinadas especificações; relações impessoais da política (comando político) e desenvolvimento de ofícios específicos relacionados ao novo poder político (uma burocracia). Embora esses elementos estejam presentes nos Estados, em cada Estado há variações entre esses elementos. Em muitos casos, o Estado cria uma simbologia própria como bandeira, brasão, hinos, que compõe um pretensa “identidade nacional”, “pátria” ou algo similar.

A partir de alguns escritores clássicos, as definições do Estado e suas justificativas, do que eram e do que poderiam ser assumem amplos aspectos, sendo um tema amplamente discutido, embora nas suas características principais não sejam questionadas como os anarquistas procedem em suas críticas. Em Hobbes, os elementos que compõe um Estado formam um ser autoritário.

Os mesmos elementos usados por Hobbes no seu *Leviatã*, Rousseau utiliza-os para desenvolver um Estado mais racional e complacente com um Contrato Social, talvez influenciando e influenciado pela Revolução Francesa, de onde advém a estrutura constitucional liberal do Estado e que toma o mundo como modelo base. Mas, mesmo assim os elementos essenciais

não são discutidos, mas apenas justificados por seus apologistas, que não ousam dissolver o Estado, como os anarquistas afirmavam, cada vez mais com mais razão do que emoção. Antes da Revolução Francesa, a concepção de Estado na monarquia francesa, *État* distinguia três segmentos da sociedade: Primeiro Estado que corresponde a nobreza; o Segundo Estado o clero e o Terceiro Estado formando pelo povo.

Na Prússia, o Estado, sempre com os mesmos elementos, se destaca como um Estado burocrático e militar.

Como unidade política e jurídica estável, o Estado é o resultado de famílias e outros grupos, num mesmo território aí compondo uma sociedade independente, que sob um direção de uma autoridade, visa realizar o bem comum. O Estado é, com já foi escrito, formado de aspectos jurídicos como suas leis máximas (uma constituição); de uma limitação territorial; formação cultural específica de grupos de indivíduos submetidos às leis e a limitação territorial; monopólio da violência.

O território para um Estado tem um aspecto de “imperium”, isto é, o Estado exerce poder de mando dentro da área que lhe pertence, como expõe Maquiavel a respeito, onde a sociedade procura monopolizar o poder de império, independente de qualquer regime ou forma de governo. Mas o Estado não tem “dominium”, que é ser proprietário do território e sim algumas partes. Algumas variações de Estado assumem a propriedade de todo o território e despense concessões de uso como no caso da ex-União Soviética, de Cuba, Coreia do Norte e

China que estatizaram todo território de seus países. Na maioria dos casos embora não sendo proprietário de terras, muitos Estados asseguram que o subsolo permaneça sobre seu controle.

A concepção jurídica de um Estado é a sua personalidade e é por base as aspirações dos homens que a compõe e por isso esta sempre em transformação, ou deveria estar, já que cada geração imprime e tem anseios que são diferentes das anteriores. Como a base de sua formação é o homem, o povo que compõe um determinado território e com um história cultural, muito dessa cultura é absorvida pela jurisdição. O poder de um Estado esta no cruzamento desses elementos. O poder soberano não é absoluto e está vinculado ao homem e não o contrário.

O direito natural prevalece e é a essência da sociedade, portanto, sobre o Estado. Tudo o mais, é a vontade do arbítrio do legislador e inverte as relações de direito, tornando o Estado o gerador de direito, que contraditoriamente deve submeter-se.

Em muitos casos já comprovados, o Estado abusa do poder que detêm, alterando as leis que deveria seguir, guiado pela vontade de legisladores suspeitos, que vêm na máxima de Kelsen, o seu corolário. O desenvolvimento de sistemas de normas para Kelsen culmina que “todo direito é direito do Estado”.

Vários Estado adequando-se ao positivismo jurídico tornam estéril o direito, no caso, natural, das relações dos homens. Sem essa força vital, o direito extensão da dimensão jurídica do Estado deixa de ser um instrumento de justiça.

A justiça não é prêmio, não ganha ou se perde, ela é independente de uma derrota ou ganho em pleito jurídico. A justiça esta acima do direito, já classicamente, mas que na prática não corresponde.

A organização da sociedade nunca será um Estado completo porque a riqueza cultural da sociedade está muita à frente de qualquer Estado. Os atuais Estados tecnocráticos procuram ocupar os supostos espaços vazios que existem



na sociedade, procurando assim ampliar sua influência e poder.

Em um plano internacional, cada Estado é caracterizado como unidade autônoma sem influência de outros governos e assim equilibram-se ao menos teoricamente. Internacionalmente os Estados surgem do direito público internacional: um território, uma comunidade humana nele estabelecida e um governo autônomo, sem influência de outros governos. Na prática, as Nações Unidas são a prova material da desigualdade entre Estados, assim como a Liga das Nações, sua antecessora foi um fracasso em gerenciar os conflitos entre os Estados envolvidos e levar o mundo a Segunda Guerra Mundial.

Um programa de destruição do Estado deve compreender a sua formação, o seu desenvolvimento e o seu funcionamento. Uma vez que esses elementos sejam compreendidos, as condições e formas de ação conjuntamente são criadas para as circunstâncias específicas e gerais que o programa exige e identifica. Aspectos espontâneos de ação, bem como a criatividade para agir não será menosprezada, mas usada como nosso elemento surpresa, treinando para identificá-los e usá-los.

Destruir o Estado significa questionar o seu território, a sua jurisdição e a sua formação social, ou seja, seus elementos essenciais. Destruir é o ato de construção (Bakunin), é o planejamento do processo revolucionário que tem como objetivo a transformação da sociedade atual por ela conter aspectos deteriorantes da humanidade e do

planeta. Esta transformação não é um ato isolado e sim coletivo, efetuado por indivíduos e coletivos em todo o planeta justamente porque a destruição do Estado é uma ação global, visando a sua transformação. Destruir apenas uma forma de Estado em uma nação qualquer ou substituir um Estado por outro, por mais bem intencionado que seja é um erro que a história nos mostra com muita clareza. Ou se transforma o mundo em uma revolução de todos os explorados e oprimidos, ou repetem-se erros históricos que poderíamos evitar, cometendo é claro outros, por sermos humanos.

A formação

Baseada nos fatos passados e atuais, mais uma análise conjuntural, forma-se os elementos possíveis para o processo transformador. Nunca é demais refletir sobre a história atual e os fatos anteriores que a torna com estas características.

Os Estados nos mostram o caminho de sua destruição uma vez que:

-Não atendem as demandas sociais de seus diversos setores e nem poderiam atendê-las, porque entraria em mais contradição com seus compromissos principais: manter a unidade territorial e assegurar as elites nacionais e internacionais seus interesses e conveniências, o que leva a manutenção da ordem por forças repressoras estatais, a manutenção da ordem por um sistema jurídico baseado na desigualdade social, que como já explicamos, é o reflexo normativo e legal da opressão e exploração em que é assegurado a

propriedade, a herança, o salário, a punição e uma estrutura para manter isso, chamado Estado.

Neste aspecto apresentado de forma crua e de última instância, não foi levado em conta as ações paliativas, assistencialistas que são efetuadas pelos governos. São ações de cooptação simples para que as partes das camadas populares mantenham a adesão ao regime. Uma vez não dada as condições de emancipação humana, só servem para maquiar a miséria, ampliar o controle sobre o povo, gerando confusão e divergências em nossa gente. Enquanto nossos esforços são canalizados em mostrar essa relação de exploração, a principal luta não é travada que é a de rompimento definitivo com essa situação.

Cada geração que foi mantida sobre esse regime, acentua a miséria futura e leva a situações paradoxais de riqueza e miséria, numa espiral destruidora de toda a humanidade. Nosso otimismo é que possamos realizar uma mudança radical que freie essa corrida para o fim de nossa existência definitiva.

-Os valores das elites internacionais tornam os Estados impotentes ou meros serviçais dessas elites;

-O compromisso com o progresso e desenvolvimento tecnológico voltado para as relações de lucro, não para a supressão da miséria mundial aprofunda a destruição do planeta. Salienta-se que esse dreno econômico de nosso planeta atende apenas uma parcela da sociedade e muitos desses avanços são avanços desnecessários em uma situação de miséria mundial.

-Assegurando a propriedade com

bem maior e intocável, sacrificam-se milhões de indivíduos que não possui. Como Proudhon explana de forma brilhante no livro O que é a propriedade? , não é possível solucionar esse paradoxo de forma que todos possam ser proprietários, porque não há uma forma justa de dividi-la de forma igualitária por todos, assim sua lógica leva a uma consequência radical: a humanidade para atingir a liberdade e bem estar global precisa abolir a propriedade, para efetivar a justiça e reparar um erro secular de nossos antepassados.

Os diversos setores sociais, por mais que os reformistas, parlamentares, pacíficos, esquerda moderada e institucional procurem positivamente harmonizar e mostrar que podem conviver em “paz” (com investimentos maciços na área de segurança por uma paradoxal preocupação), se polariza em dois grupos distintos em formação, estrutura e comportamento. As forças maniqueístas que compõe este grupos são resultados da atuação e gerência do Estado e de seus apologistas.

O desenvolvimento de conhecimento que procure manter o capitalismo viável e lucrativo, cria uma antinomia, a miséria e exclusão social. Vários Estados, através de seus governos procuram gerenciar e assegurar a riqueza e controlar a miséria em bolsões de segurança, uma vez que não conseguirá, por mais bem intencionado que esteja, de resolver a miséria de determinados setores.

Análises econômicas, políticas e sociais mostram que o modelo atual baseado na riqueza, logo na

desigualdade forja uma força diametralmente oposta, a miséria. Por mais que procure atenuar, o rearranjo que os Estados procuram fazer não conseguem resolver este difícil problema. Por ser a riqueza acumulativa e centralizadora no modelo capitalista, ela pulveriza a miséria aos quatro cantos, já que remove e canaliza as potências criadoras do homem para proveito privado, deixando um legado estéril a 9/10 da população mundial.

Avaliações críticas mostram e realçam as ilusões das elites exploradoras e opressoras. Desenvolvem nesse sentido, muito material panfletário, propagandístico, estudos e teses econômicas e políticas e afirmações corriqueiras de "senso comum" e outras de cunho jurídico, como estas:

-A propriedade é um bem inalienável e assegurado a todos;

-Meu mérito é que me faz vencer contra todos;

-As pessoas que lutam, não vencem;

-O passado molda o presente e o futuro;

-O individualismo e egoísmo são importantes.

No meio do trabalho procuram

através de palestras domesticar, docilizar os trabalhadores e deles obter cada vez mais empenho, dedicação escrava e fanática. Os setores de RH (Recursos Humanos) obrigam os trabalhadores (empregados, "associados", "parceiros" e outras similitudes) em participarem de lobotomias coletivas que visam implantar a visão do patronato nos trabalhadores, que devam se unir para trabalhar mais e de forma coletiva, promover mais lucros. Usam slogans motivacionais como "pense como patrão", "vestir a camisa", "apagar incêndios", "não trazer problemas pessoais para o trabalho", "fazer além do que é sua função" e outras escrotices, que destinam os trabalhadores se tornarem um rebanho adestrado, harmonioso com o mundo do trabalho (que não significa ser dos trabalhadores). Isso é o pano de fundo para a formação de uma postura corporativa, onde o Estado assume o papel de coordenador e parceiro do patronato, contra os trabalhadores.

Mundo do Trabalho: Visão do Estado e Patrão X Mundo dos Trabalhadores: Visão dos Oprimidos e Explorados será o tema do próximo texto para revista.



Francisco Ferrer Gardia: A pedagogia da libertação

Francesc Ferrer i Guàrdia, em catalão, nasceu em Alella, cidade próxima de Barcelona, a 14 de janeiro de 1849.

Pertencia a uma família de pequenos proprietários rurais, católicos e monarquistas. Junto com sua mãe frequentou a Igreja, participando do coro de crianças e recebendo educação católica. A

educação religiosa e autoritária que ele sofreu na escola de sua aldeia gera em seu coração uma revolta que permanecerá sempre vivaz:

“Eu só tinha” diria posteriormente, “de fazer o contrário do que vivi”. Aos 14 anos entrou como aprendiz em uma loja em Barcelona onde seu patrão, comerciante de farinha de Sant Marti de Provençais, livre pensador, sofrera com o clericalismo. Este contato foi fundamental para tornar

Ferrer um livre pensador anticlerical. Foi inscrito pelo comerciante ainda aos 14 anos de idade na Escola Noturna.

Até os 20 anos dedicou-se ao trabalho a aos estudos, parte desses feitos de forma autodidata. É sucessivamente fazendeiro, empregado numa fábrica de tecidos em Barcelona – onde é tocado pelas idéias anarquistas disseminadas entre o proletariado da cidade catalã – e ferroviário conseguindo, trabalho em 1883 na Companhia dos Caminhos de Ferro do Norte de Espanha, onde trabalha como revisor do trajeto,

momento que casa com Teresina Sanmarti. Em 1884, aos 35 anos, Ferrer entrou para a Maçonaria, iniciando-se na Loja La Verdad de Barcelona.

Milita no movimento republicano e anticlerical. Sua primeira filha foi batizada a pedido da sua esposa, recebendo o nome católico de Trinidad. Suas outras filhas receberam os nomes de Pax, Luz e Sol. Em 1886, a tentativa revolucionária coordenada pelo General Villacampa em reimplantar a república na Espanha fracassou (a 1ª República Espanhola foi declarada pelas Cortes em 11 fevereiro de 1873 e terminou em 29 de dezembro de 1874). Ferrer, envolvido no movimento, escapou das investigações policiais, mas foi considerado suspeito.

Sentindo-se ameaçado, fugiu para Paris com a sua família, onde se tornou secretário sem proventos de Ruiz Zorrilla, chefe do Partido Republicano Progressista. Para garantir seu sustento trabalhou como Professor de Castelhana. Em Paris, filiou-se a Loja Maçônica Francesa, mantendo contato com exilados espanhóis – socialistas republicanos e anarquistas. Também produziu e traduziu obras que criticavam a influência do clero espanhol, enviando-as para distribuição na Espanha. Ainda na França morreram dois dos seus filhos. Em julho de 1892, participa do Congresso

Livre Pensador de Madrid. Em

1893, se separa da primeira esposa. O Tribunal de Sena proferiu a separação, e as filhas ficam com a mãe. Posteriormente, Ferrer voltou a cuidar das meninas, até que uma delas voltou para junto da mãe em S. Petersburgo. Então o educador encarrega-se da educação da outra filha, levando-a para a Austrália.

De volta a Paris em 1894, volta a dar aulas de espanhol, primeiro de forma autônoma, depois junto a Associação Politécnica. De 1895 até 1898 leciona também no Liceu Condorcet. Durante estes anos foi amadurecendo a idéia da criação da Escola Moderna. Em 1899 conheceu Léopoldine Bonnard, jovem que era companheira e amiga da Sra. Meunier. Com ela teve o filho, Riego. É em Paris também que se aproxima de Jean Grave, Jean Jaurés, Federico Urales e Anselmo Lorenzo, todos influenciando decisivamente em seu pensamento. Na última década do Século XIX, passada à fase republicana, Ferrer migra para o campo ácrata. A concretização da escola foi possível pela herança deixada em abril de 1901 pela ex-aluna, admiradora do seu pensamento, Srta. Ernestina Meunier. Inicia a escolha de professores e mestres para a Escola Moderna.

Posteriormente separa-se de Léopoldine, que vai para Londres com o filho Riego. Na seqüência conheceu Soledad Villafranca, professora da Escola Moderna, que se tornou sua companheira. Criou uma casa editorial para produzir os livros que seriam destinados às escolas, além de uma revista intitulada A Escola Renovada.

Em Barcelona, foi fundada em agosto de 1901 a primeira Escola

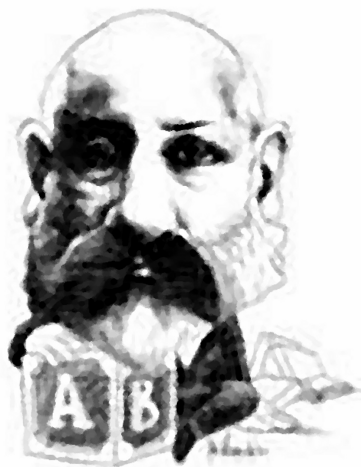


Moderna, inicialmente com trinta alunos, doze meninas e dezoito meninos, algo inédito naqueles tempos, pois a co-educação não tinha aprovação estatal. Logo no final do primeiro ano de funcionamento, o número de alunos chegava a setenta, organizados em quatro sessões, segundo a idade: a primeira para crianças menores, a segunda elementar, a terceira elementar superior e a quarta normal para os adultos, estes tinham aula à noite. Tinha ainda aulas de francês, de inglês, alemão, taquigrafia e contabilidade. Aos domingos funcionava uma universidade popular acessível a todos. Além disso, a Escola Moderna publicava boletim, promovia palestras, recitais e peças de teatro. A procura de alunos de cidades vizinhas fez com que fossem criadas novas escolas.

O sucesso ultrapassou todas as expectativas: em 1908 há dez escolas modernas em Barcelona,

quase cento e cinquenta na Catalunha, estabelecimentos em Madrid, Sevilha, Granada, Cádiz. Sua irradiação ultrapassou as fronteiras da Espanha e escolas Ferrer são fundadas em Portugal, no Brasil, Suíça e Holanda. A escola moderna é mista e aberta a todos os meios (conquanto paga, o preço da pensão varia em função da renda dos pais): ela é laica e bane todo ensino religioso.

Enfim, é também racional e científica. Dotada de uma biblioteca, de uma tipografia, de um serviço de edição que publica manuais e obras pedagógicas, ela aparece como um foco intenso de cultura popular. Ferrer queria que ela fosse um instrumento de emancipação e propagação das idéias libertárias diante do “adestramento” do ensino oficial de educação, “poderoso meio de subjugação nas mãos dos dirigentes”, que habitua a criança “a obedecer, a crer, a pensar, segundo seus dogmas sociais que nos regem”. Para ele o ensino devia ser uma força a serviço da mudança: “queremos os



homens capazes de evoluir incessantemente, capazes de destruir, renovar constantemente os meios e renovar-se a si mesmos”. Assim, o princípio fundamental da Escola Moderna é a liberdade da criança; ela esforça-se para respeitar seu movimento natural, sua espontaneidade, as características de sua personalidade; quer desenvolver sua independência, seu juízo, seu espírito crítico; “prefiro” diz Ferrer, “a espontaneidade livre de uma criança que não sabe nada, à instrução de palavras e à deformação intelectual de uma criança que sofreu a educação atual.

Partidário da greve como arma revolucionária editou a sua custa, no período de 1901 a 1903 o periódico “La Huelga General”. Em 31 de maio de 1906, ocorre um atentado à bomba no casamento do rei Afonso XIII da Espanha com a princesa Victoria, vitimando 23 pessoas. A bomba foi lançada quando a comitiva real passava pela Praça Maior de Madrid (Calle Mayor Madrileña). O autor do atentado, foi Mateo Morral, ex-colaborador de curta passagem, como tradutor e bibliotecário, na livraria da Escola Moderna, motivo este que foi usado para prender Ferrer e todos os professores, além de cerrar as portas da escola, que nesse momento contava com mais de 100 alunos (“No primeiro ano inscreveram-se 20 alunos (12 meninas e 18 meninos); em 1902 já são 70, e 126 em 1904. Em 1905 a Escola Moderna espalhou-se por 147 espaços por toda a Catalunha. Em 1908 contam-se 1.000 alunos só na cidade de Barcelona, e criam-se

estabelecimento do mesmo gênero em Madrid, Sevilha, Málaga, Granada, Cádiz, Córdoba, Palma, Valência, assim como no estrangeiro (em São Paulo, Lausanne, Amsterdam e Lisboa”).

Ferrer foi vítima de calúnia promovida pela Igreja Católica Romana, sendo acusado de cúmplice no atentado. Mesmo tratamento foi dado à sua escola e ao sistema de ensino, acusado de ser “sem Deus” e de contar com revistas e livros indecentes. Foi libertado depois de treze meses. Em 12 de junho de 1908 foi absolvido e o governo obrigado a lhe restituir todos os bens que havia confiscado.

Voltou novamente a Paris, e ainda em abril de 1908 fundou a Liga Internacional para a educação racional da infância a qual aderiram: Languevin, Bernard Shaw, Berthelot e Gorki. Neste momento, Ferrer publicava em 15 de abril de 1908 em Bruxelas a revista *Ecole Renové*. Em 1909, a revista passou a ser editada e publicada em Paris, e torna-se semanal. Nela eram discutidas “todas as idéias e todas as tentativas que concernem à renovação da escola” e onde se encontra, além da assinatura de Ferrer, a de Kropotkin, Robin, Domela Nieuwenhuis, Ellen Kay, William Heaford e a maioria dos pedagogos libertários da época. Ao mesmo tempo, sua Casa Editorial na Espanha continuou a editar e publicar o *Boletín de la Escuela Moderna*, além de manuais de ensino e livros científicos educacionais. Em julho de 1909, vários protestos eclodiram contra a guerra da Espanha com o Marrocos.

Estes acontecimentos ficaram conhecidos como *Semana Trágica* e

foram marcados pela revolta da população de Barcelona que queimou igrejas e conventos, obrigando as autoridades a abandonar a cidade. Durante a revolta, Ferrer encontrava-se visitando um irmão que morava nas proximidades.

A repressão que se seguiu à *Semana Trágica* prendeu e condenou dezenas de pessoas, entre elas Ferrer, preso em 1º de setembro. O Tribunal Militar reunido para os julgamentos aplicou penas que variavam de prisão perpétua à execução. A favor de Ferrer levantaram-se vozes em várias partes do mundo, inclusive no Brasil. Aos partidários da monarquia (direita ultramontana e estamento militar) era imperioso que se julgasse Ferrer no Tribunal de Guerra, sem testemunhas de defesa. Seu defensor procurou levantar a necessidade de provas e arrolamento de testemunhas, pedido que foi negado.

No dia 09 de outubro, o Conselho de Guerra abriu a sessão e ouviu as contraditórias testemunhas que acusavam Ferrer. A acusação que pesava sobre Ferrer foi de ser o líder intelectual da *Semana Trágica*. No mesmo dia foi dado o veredicto final: pena de morte.

O fuzilamento ocorreu às 9 horas da manhã de 13 de outubro de 1909, no fosso de Santa Amália da Fortaleza de Montjuich. As últimas palavras de Ferrer foram: *Hijos míos apuntad bien! No teneis culpa. Soy inocente. Viva la Escuela Moderna!*

Seu ideal pedagógico ficou registrado principalmente no livro *La Escuela Moderna* publicado após sua morte. No seu livro, Ferrer definia assim o objetivo da *Escola Moderna*:

“Extirpar do cérebro dos homens tudo o que os divide, substituindo-os pela fraternidade e a solidariedade indispensáveis para a liberdade e o bem-estar gerais para todos”. A proposta do racionalismo de Ferrer caminhou em conjunto com o ideal anarquista, recebendo apoio e cooperação de militantes no desenvolvimento da Escola Moderna. Em suas cartas percebe-se a sua preocupação com a sociedade futura sem classes, baseada na igualdade e na liberdade.

A raíz del proceso y ejecución de Ferrer Guardia, The Times dijo: «Por negligencia o estupidez, el gobierno ha confundido la libertad de instrucción y conciencia, el derecho innato a razonar y expresar su pensamiento, con el derecho de oposición, asimilándolo a una agitación criminal»; Anatole France en carta abierta afirmaba: «Su crimen es el de ser republicano, socialista, librepensador; su crimen es haber creado la enseñanza laica en Barcelona, instruido a millares de niños en la moral independiente, su crimen es haber fundado escuelas»; y William Archer: «Toda la vida activa de Ferrer habría hecho menos daño al catolicismo español que el que le hace en la actualidad la mera mención de su nombre».

(http://en.wikipedia.org/wiki/Francisco_Ferrer_Guardia)

Legado

Pouco tempo depois de sua execução, numerosos partidários das idéias de Ferrer criaram Escolas Modernas em vários países associadas aos sindicatos, inclusive no Brasil vinculados a Confederação Operária Brasileira – COB.

A primeira Escola Moderna do Brasil foi fundada em São Paulo em 1909, e funcionou na Av. Celso Garcia, 262. Em 1913 a Escola Moderna nº 2 foi fundada, também em São Paulo, pelo anarquista e sindicalista Adelino Tavares de Pinho, e em 15 de Junho de 1915, a Universidade Popular de Cultura Racionalista e Científica criada pelo sindicalista e anarquista Florentino de Carvalho. A primeira e mais notável Escola Moderna dos Estados Unidos foi fundada em Nova Iorque, em 1911.

(http://pt.wikipedia.org/wiki/Francisco_Ferrer)

Texto elaborado pelo CEPS-FORGS-AIT

FONTES:

http://pt.wikipedia.org/wiki/Francisco_Ferrer

http://en.wikipedia.org/wiki/Francisco_Ferrer_Guardia

Silva, Custódio Gonçalves da.

http://www.face.ufba.br/rascunho_digital/textos/548.htm

Moraes, José Damiro de.

www.histedbr.fae.unicamp.br/.../verbbfranciscoferrerguardia1.htm

<http://www.laic.org/cas/fig/index.htm>

<http://pimentanegra.blogspot.com/2009/08/escola-moderna-servirei-melhor-as.html>

Imagem da pagina 14:

<http://miguelcomic.blogspot.com/>

Fusilar a Francesc Ferrer i Guàrdia en los fosos del castillo de Montjuïc

“OCTUBRE 14. — Aparece la noticia, en los fijos del castillo de Montjuïc, se dice que se comienza a la mañana de hoy a fusilar al ‘Comandante de la Escuela’ que combatió en Francia. En un momento se dice que se fusilará por la tarde a los otros dos que se fusilarán.”



El Juicio a Ferrer i Guàrdia recibe críticas a nivel internacional. Imagen: "Viva el Ferrer. Su obra ha sido el primer libro de los que se han escrito en España y en el mundo" (1909) de Ferrer i Guàrdia.

ABEL, Arquivo Bem Estar e Liberdade

O Arquivo Bem Estar e Liberdade (ABEL) é um projeto do Sindivários de Campinas que consiste em reunir materiais anarquistas e anacossindicalistas com o propósito de manter nossa história presente e viva diante da opressão e exploração das forças inimigas. Temos jornais, cartazes, cds e dvds que disponibilizamos para ampla divulgação.

Parte do material esta sendo coletado no Arquivo Edgar Leuenroth que se encontra na UNICAMP, que se tornou um depósito acadêmico de arquivos de todos os gêneros e sem o compromisso social que o companheiro Leuenroth idealizou.

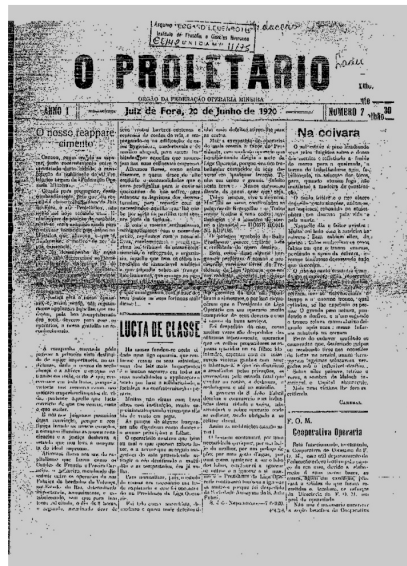
Nossa maior preocupação é disponibilizar esse material a todxs nossxs companheirxs em todo o país, dinamizando o modelo e difundindo a memória anarquista e operária contrapondo ao conhecimento dominante que procura suprimir nossa luta e seu significado da história da luta emancipatória.

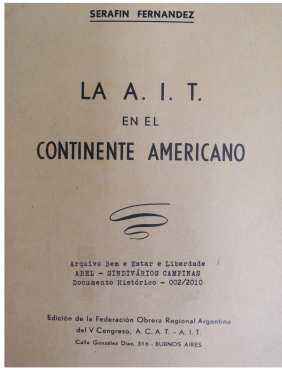
Não só devemos trazer esse material, como editá-los porque muitos textos além de trazer uma narrativa da luta que tinham, contém muito material para a nossa reflexão atual e servirá com referência na construção de nossa luta.

Essa memória é muito importante para que cada geração rebelde entenda que não está só, que não está inventando algo novo e sim que é parte do eco de um movimento que não começou agora e que não terminará enquanto houver explorados e oprimidos de todas as espécies e gêneros.

Preservar a nossa história é preservar a chama rebelde que move humanidade para uma vida de bem estar e liberdade para todxs.

Conhece, organiza e luta!





Materiais Disponíveis ABEL

Está disponível através do sitio eletrônico, materiais completos como **O Boletim da Comissão Executiva do 3º Congresso**, digitalizado do original de 1920, com 24 páginas, onde temos preciosas informações sobre a organização operária naquele momento, base para nossa reflexão e ação atual. Outro material completo e disponível na rede eletrônica mundial é um livreto em espanhol **AIT no Continente Americano**, de 1968. Nele temos a exposição da situação social, econômica dos trabalhadores em toda a América. Acesse o sitio eletrônico do Sindivários Campinas <http://fosp.anarkio.net>.





Do AEL, ou quando se perde a memória de luta.

A história desse arquivo é um desastre para o movimento anarquista e operário, pois perdemos o acesso a parte de nossa memória que lá está. O arquivo era para ser entregue ao movimento libertário mas foi vendido pela família, desrespeitando a vontade de Edgar Leuenroth, e foi vendido para os nossos inimigos institucionais e partidários que tornaram o arquivo um espaço para pesquisa burguesa e perdendo seu propósito social e emancipador de nossa classe.

Muitos e até "anarquistas" defendiam que isso era um mal menor, porque o Estado tinha recursos para manter o acervo em boas condições e assim preservar nossa memória. Um ledro engano! Não só o Estado não se preocupa com a memória de resistência e luta dos trabalhadores e de todos que buscam a liberdade, como promove a destruição dessa memória, de forma consciente ou não. O caso do AEL é um exemplo claro disso.

O arquivo atualmente multifuncional e com material de toda a espécie e gênero, sem muito compromisso com a idéia que Edgard Leuenroth de um arquivo para a memória de nossa classe e não um depósito acadêmico a serviço da burguesia.

Precariamente localizado em um “porão” do Instituto de Filosofia e Ciências Humanas da Unicamp, foi alvo de umidade, de inundações e cupim e até pela imperícia dos “donos”, queremos dizer que os diretores do arquivo deixaram as



Fotos tiradas no AEL. Placa que mostra que foram gastos 575.000,00 com um sistema de aclimação que não funciona direito e a entrada da sala Marco Aurélio Garcia, intelectualóide do PT.

péssimas condições do espaço corroerem os documentos debaixo da cumplicidade acadêmica dirigente.

Foi cosnstruído um novo prédio para o arquivo, mas ... neste espaço novo, a bela viola esconde o pão bolorento: janelas que não podem ser abertas porque perigam cair na cabeça das pessoas (a solução foi rebitarem as janelas!); o novo sistema de ar condicionado que é importante para a vida dos preciosos documentos não foi testado e já apresenta problemas de funcionamento, equipamento novo que custa caro para não funcionar direito; o prédio que seria um polo de difusão de memória que deveria funcionar o maior tempo possível, não tem funcionários para isso e então só que pode e tem recursos é que acessa o material; perseguição aos funcionários que não aceitam essa condição e protestam.

O prédio que deveria priorizar os documentos e o acesso de forma segura, priorizou mais salas para seus "preciosos" diretores e chefes e para coroar a total falta de respeito com a memória de Edgar Leuenroth, a sala de pesquisa foi batizada com o nome de um dos mais totalitários institucionais de partido, o "historiador" Marco Aurelio Garcia, uma eminência parda doas altos escalões do PT e que muitos julgam ser o "guru" de muitos sindicalistas profissionais e de muitas vaquinhas de presépio de partidos. Esse arquivo deveria mudar de nome porque Edgard Leuenroth em vida não seria condescendente com essa patifaria!

Os inimigos da emancipação dos oprimidos e explorados estão com as chaves dessa memória e não precisamos sermos gênios para entender que história será contada conforme o que querem os poderosos, onde não cabe a nossa história de luta e resistência, sem patrões, sem partidos, sem Estado, sem religião. Uma afronta total a memória de tantos lutadores que a instituição acadêmica está paulatinamente extinguindo "cientificamente".

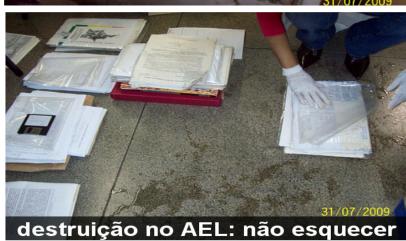
Mas por nosso esforço serão preservados!



sem prevenção...e sem funcionários...



AEL cupim e água, não repetir



destruição no AEL: não esquecer

Flagrantes do descaso: cupim, água e descaso com a memória de nossa gente! Fotos feitas por funcionários do AEL.

IX EXPRESSÕES ANARQUISTAS

São Paulo - 09 e 10 de Outubro 2010

CONVERSAS LIBERTARIAS

POLÍTICA - ECONOMIA
CULTURA - LAZER
ETNIAS - GÊNERO
HISTÓRIA - INFORMAÇÃO
ALIMENTAÇÃO
COMPORTAMENTO
ANTITOTALITARISMO

EXPOSIÇÃO ANARQUISTA

FOTOS - IMAGENS
CARTAZES - JORNAIS
LIVROS - REVISTAS
DESENHOS - PINTURAS
TEXTOS - PANFLETOS

EM MEMÓRIA DE FERRER E A ESCOLA MODERNA E MUITO MAIS...

EVENTO A DEVO!!!

TRAGA SUAS IDEIAS E PARTICIPE.
DIAS 09, 10 e 11 a PARTIR DAS 20h.

LOCAL: B. COLOMBA, CEAR 105 -
COTIA, CORDEIRO LIBERTARIANA
SANTO ANÁDIO - SÃO PAULO

ALIMENTAÇÃO A PARTE E
TEM LOCAL PARA DORMIR.

Mais informações:
cobolps@psf.com.br
cobolps@ig.com.br
cobolps@psf.com.br
http://anarquia.net
http://cob-ol.net

INDICATIVA

Adaptado por
PRC
OCCUPAR
Liberdade
Keep Fighting

Expressões Anarquistas

Ocorrem geralmente em outubro, é um evento anual anarquista que pretende promover a união do MLB e troca de experiências anarquistas no interior de São Paulo. Estamos na nona edição e desta vez será na capital porque através de conversas entre militantes e grupos, a Jornada Libertária de Protesto, outro evento tradicional que ocorre geralmente em julho na capital, ocorrerá em Piracicaba, mantendo um evento anarquista no interior. A JLP procura aprofundar as cooperações do MLB e visa principalmente a sua união, para ampliar a força do anarquismo no país.

Origens e Desenvolvimento do Expressões Anarquistas.

O evento foi idealizado pelos grupos Grupo Independente de Estudos Políticos e Sociais (GIEPS) e Coletivo Revolucionário de Ação Popular (CRAP) em Araraquara em 2002, mas não era anarquista, chamava-se Encontro da Juventude Rebelde, que pretendia reunir várias experiências de luta da esquerda e apresentá-las a sociedade focando no público jovem.



III Encontro da Juventude Rebelde na Biblioteca Municipal Mario de Andrade, Araraquara.



III Encontro da Juventude Rebelde no auditório Jean-Paul Sartre em Araraquara



IV Expressões Anarquistas no EEBA Bento de Abreu, Araraquara

Ocorreram 3 edições, todas realizadas em Araraquara, espaços públicos reservados e divulgados em jornais locais. A presença de um público plural foi marcante, assim como as palestras apresentadas.

Em 2005, após conversas sobre o evento e a necessidade de um enfoque mais libertário que promovesse a reflexão e que levasse a troca de vivências em torno do anarquismo, que foi identificado com a proposta que se mantinha dentro de uma coerência na luta pela emancipação social, econômica e política da humanidade. Tudo isso levado em conta surge o conceito de Expressões Anarquistas na intenção de trazer as diversas manifestações e ações que ocorrem dentro da grande bandeira negra do anarquismo, para o interior de São Paulo. Havia um entendimento de que enquanto a capital havia diversos grupos e muitas atividades anarquistas, no interior paulista a situação era diferente, poucos grupos e poucas atividades e esse seria um dos objetivos do realização do Expressões Anarquistas, fazer o anarquismo florescer intensamente no interior paulista.

O IV Expressões Anarquistas – variações do mesmo tema (2005) foi um marco importante, porque não só tivemos as tradicionais conversas libertárias onde uma pessoa transmite uma experiência sobre um determinado assunto estando os presentes livres em intervir em qualquer momento, como ocorreu também atividade aberta na forma de uma manifestação de rua, com faixas, bandeiras e carro de som, onde denunciávamos a farsa da política burguesa que naquele momento estava marcado pelos escândalos do PT (havia cartazes com os escritos “Xô CorruPTos!”). Isso trouxe uma nova perspectiva para o evento, indo do convencional palestras e debates para a propaganda pela ação. Os assuntos abordados foram Voto Nulo, Recordando o I Congresso Operário Brasileiro e a Revolução Espanhola,



Várias imagens da manifestação de rua contra a política partidária, ocorrida durante o IV Expressões Anarquistas de 2005. Pelo voto nulo sempre e pela união anarquista!

Movimento Anarquista atual, Anarquistas na Revolução Russa.

O V Expressões Anarquistas – educação e autogestão (2006) foi em Santo André, inaugurando outra ideia, da realização do evento em outras cidades para que as vivências anarquistas sejam trocadas e espalhadas. A Casa Lagartixa Preta Malagueña Salerosa recebeu o evento, que contou com materiais de diversos grupos e falas sobre Pedagogia Libertária, Vegetarianismo, vegan e freeganismo, Autogestão, Esperanto.

VI Expressões Anarquistas – autogestão e socialismo libertário (2007) foi em Campinas e contou muita gente e grupos que contribuíram muito para uma revitalização do anarquismo em Campinas, com o surgimento posterior de um grupo antifascista, a Coordenação Antifascista de Campinas, para o enfrentamento do problema real da violência de grupos e indivíduos totalitários de direita e esquerda. As conversas foram sobre os 90 anos da Greve de 1917 e o Anarcossindicalismo, Softs Livres, Pagos e Piratas, Educação Libertária, Sobre o conceito da dívida, Marketing e Propaganda Anarquista, Experiências na Chechênia. Houve alimentação coletiva no local, o que estreitou muitas amizades.

Em 2008, a organização coletiva do Expressões teve contratempos que fizeram com que o VII Expressões Anarquistas ocorresse em dezembro, em apenas um dia, em Campinas. Tendo como tema “conheça, organiza e luta”, trouxe a homenagem a Edgar Rodrigues que dedicou sua vida pela memória operária. Nele foi lançado o Arquivo Bem Estar e Liberdade, de iniciativa do Sindivários Campinas, que conta com materiais digitalizados e documentos guardados importantes para a memória de luta de nosso movimento. Também conversamos sobre o Movimento Libertário Brasileiro e suas



V Expressões Anarquistas em Santo André, conversas libertárias.



Frente do local onde ocorreu VI Expressões Anarquistas em Campinas.



Sempre formando uma roda, onde todos podem participar de forma livre. Momentos do VI Expressões Anarquistas.

características. Tivemos a presença de companheiro da CNT espanhola que contribuiu com sua vivência anarcossindical.

O VIII Expressões Anarquistas – promessa de rebeldia (2009) foi realizado em Piracicaba, através de militantes que depois formariam o Coletivo Anarquista de Piracicaba e Região (CAPRE).

Reuniu muita gente e houve distribuição de materiais, uma amostra de todos os livros de Edgar Rodrigues e a entrega em pré-lançamento de um livro sobre o Edgar Rodrigues da professora doutora Anna Gicelle, a noite ocorreu um sarau regado a violão e muitas poesias. O rango realizado de forma coletiva foi um experiência empolgante. Nesse Expressões tivemos oficinas sobre plantas comestíveis, bionergética corporal. As conversas foram sobre o Feminismo, Anarcossindicalismo, MLB.

Esse é um resumo de um evento que a cada contou com militantes de diversos lugares, não só de São Paulo, mas de todo o Brasil e até de fora. Em todos esses anos, sempre lembramos que é muito importante que nos organizemos em prol do desenvolvimento do anarquismo, através das mais variadas práticas, mas todas com os mesmos princípios anarquistas. Pela construção do comunismo libertário através dessas práticas anarquistas.

Agora, em 2010, teremos o IX Expressões Anarquistas – em memória de Ferrer e da escola moderna. Será em São Paulo, após uma troca de ideias com outro evento anarquista tradicional na capital, a Jornada Libertária de Protesto (JLP), foi proposto a troca de lugares, e assim teremos a JLP 2010 em Piracicaba e o IX Expressões Anarquistas em São Paulo, na rua Cerqueira Cesar 185, Santo Amaro (sede da Corrente Libertadora), todxs convidadxs!!!

Por ICN



VII Expressões Anarquistas com a fala da Profa. Anna Gicelle sobre Edgar Rodrigues. Campinas, 2008



Momentos do VIII Expressões Anarquistas em Piracicaba. Conversas libertárias e a alimentação realizada de forma coletiva e vegana. Faixa com frase de Bakunin.



A proposito da organização de um partido operário

Fala-se algures em fundar um “partido operário” no Brasil.

Não sabemos ainda qual seja o seu programa por completo ou mesmo se o terá ... Mas sabemos que adotará a tática eleitoral e desconfiamos bem que seja simplesmente um grupo todo consagrado ás intrigas eleitoreiras, trazendo a discórdia para o movimento operário, estorvando a constituição natural e gradual do verdadeiro partido do trabalho.

Porque evidentemente o nome de “partido operário” é usurpado e abusivo. Só pode haver um partido operário: aquele que possa admitir em seu seio todos os operários e só os operários, baseando-se sobre os interesses comuns a todos e por todos compreendidos ou sentidos. Para isso é preciso achar-lhe um sólido terreno de

acordo.

A base do acordo não pode achar-se nos interesses e ideais indecisos, contraditórios e pouco compreensíveis da política e da religião. É um fato que o acordo não existe nesses pontos, nem teria uma base segura sobre que assentar-se.

A política parlamentar, por exemplo, divide os operários, que de politica se ocupam, em duas facções bem distintas: a dos partidários e a dos inimigos da ação eleitoral e parlamentar. E entre os primeiros produz ainda rivalidades de partido, de candidatos, de pessoas, as mesquinhas intrigas que formigam na feira eleitoral.

Um partido político não é exclusivamente operário. Embora se proclame fundado sobre a luta de classes, admite em seu seio aspirações, tendências e hábitos mais ou menos estranhos a vida operária, e que podem ser legítimos e legitimamente integrar-se nas reivindicações do partido, mas que podem igualmente adquirir uma perigosa preponderância. E, nesse sentido, o parlamentarismo é muito capaz – os fatos ensinam – de canalizar férteis movimentos pelas vias escuras e tortuosas das ambições pessoais.

A única base de acordo existente e possível para o “partido operário” são os interesses econômicos comuns a todos os trabalhadores. Só eles são susceptíveis de agrupar, de solidarizar os operários que lutam pela sua emancipação, os ativos, os conscientes. Muito mais facilmente do quaisquer princípios políticos, eles podem chamar à ação, ao movimento, os elementos inativos e indiferentes, que não dariam

um passo por uma tática determinada.

Certamente, o verdadeiro operário não baniria da sua atividade a luta política: baniria unicamente as táticas políticas que dividem o proletariado, devolvendo-as aos respectivos partidos, pelos quais os operários se acham repartidos, em companhia mais ou menos numerosa de burgueses, semi-burgueses, literatos e idealistas.

Faria como em religião. Embora inconfessional em matéria religiosa, não deixaria por isso de combater os padres, colocados ao lado dos patrões ou fundadores de associações operárias destinadas a desorganizar o proletariado e embaraçar a sua marcha. Do mesmo modo, embora neutral em política, não deixaria de lutar, no terreno em que todos estão de acordo contra as arbitrariedades governamentais e policíescas, contra a intervenção da autoridade política nas greves, nos conflitos entre o capital e o trabalho, contra a violação dos direitos de associação, de reunião, de palavra.

Esse partido elabora-se lenta mas seguramente: os operários constituem sindicatos profissionais ou de indústria, os sindicatos agrupam-se em federações, as federações reúnem-se numa confederação, limitando-se primeiro a um país, para mais tarde se ligar com as outras, internacionalmente.

É grande e sólido partido, com base firme, formando-se de baixo para cima, do simples para o composto. Não há comitês diretivos, não há cabeças – facilmente decapitáveis. Autonomia do indivíduo dentro do sindicato, e do sindicato dentro da federação, da federação dentro da confederação. A

liberdade da unidade. É um organismo vivo em todas as suas partes, um oceano agitado em todas as suas vagas. Faz-se um apelo a todas as energias, pela propaganda e pela ação, faz-se a educação mutua no sentido de evitar que os indivíduos possam admitir chefes e depositar neles a sua confiança, a sua iniciativa, ficando desorientados quando esses chefes são empolgados pelo adversário.

Tal é o “partido do trabalho” que se elabora entre nós e que é já forte em quase todos os países da América e da Europa, onde o proletariado se acha fortemente organizado.

Fortemente estribados na prova indestrutível dos fatos, da experiência social, esperamos não pregar inteiramente em vão. Muito tempo se ganharia se o proletariado do Brasil, aproveitando o exemplo de fora, evitasse os escolhos em que bateu o operariado em outros países.

N.V. (Neno Vasco)





Entrevista dada pela FOSP ao Coletivo Kausadores de Revolta de Itu.

1 Como e quando começa a luta da COB-AIT?

A luta anarcossindicalista começou com formação da Primeira Internacional, em 1864. A atual AIT é signatária da Primeira Internacional em seus aspectos revolucionários, principalmente do conteúdo libertário que ela desenvolveu. No Brasil, a COB surgiu no 1º congresso operário brasileiro em 1906 como organização sindicalista revolucionária desenvolvendo a luta por bem estar e liberdade, tendo em conta que a emancipação de todos os oprimidos e explorados é obra dos próprios oprimidos e explorados. E essa luta não se restringe em fazer apenas reivindicações salariais. A luta é feita por todos os militantes, nos locais de trabalho, nas escolas, nos bairros que moram.

2 Qual é o Objetivo da luta ?

A luta visa a emancipação de todos os oprimidos e explorados nos aspectos econômicos, políticos, culturais, sexuais, étnicos. Também significa a reestruturação social de forma a abolir o Estado, os partidos,

as religiões e qualquer estrutura de opressão, dominação e exploração. Nesse processo, tudo se apresenta de forma coletiva e em assembleias gerais, tendo como referência o federalismo, descentralização das ações, autogestão. O caminho é tão importante como o fim que se pretende, que no caso é o comunismo libertário. O anarcossindicalismo é uma base para se chegar nisso, oferecendo uma organização descentralizada, autogerida pelos próprios trabalhadores, cientes da importância de cada setor produtivo para aprofundamento da revolução. Os sindicatos revolucionários são sociedades de resistência que oferecem a capacidade de ocupação das fábricas e campos, mantendo o seu funcionamento de acordo com as necessidades rebeldes. Sem uma capacidade produtiva, sem os trabalhadores assumindo seu papel revolucionário, não é possível um processo revolucionário. E isso é feito entre iguais e não por obrigação partidária ou militar. É compromisso consciente de cada um em ter uma vida livre, justa e igualitária.

3 Nos dias de hoje não se vê um sindicato que luta realmente pelos interesses do proletariado a COB-AIT se destaca por ser ativista e por estar realmente do lado dos trabalhadores fazendo a sua resistência. Como vocês vêm a ação de

outros sindicados que estão na mão dos patrões e não do proletário ?

O sistema sindical brasileiro oficial/legal é fruto da ditadura de Vargas e perdura até hoje. Avaliamos que os sindicatos precisam romper com essa estrutura, o que não é fácil, já que são mais de 70 anos de prática fascista no meio sindical, o que tornou “normal” as posturas reformistas dentro dessas instituições. Juntemos nessa situação que o modelo favorece o enriquecimento fácil, práticas corporativistas e nenhum compromisso com os trabalhadores, sem prestação de contas, torna o sindicalismo uma fonte para enriquecimentos ilícitos e profissionalização. Isso leva a existência de inúmeros “sindicalistas” nas estruturas do Estado e até um que se tornou presidente. Existe confusão quando falamos que somos sindicalistas, porque sempre remete a esse sindicalismo fascista e lutamos contra. Nossos núcleos e seções não são reconhecidas pelo Ministério do Trabalho, não queremos isso. O reconhecimento e legitimação é feito por nossa gente, é a força maior de nossa organização. É o verdadeiro sindicalismo que nasceu livre e organizado pelos próprios trabalhadores para lutar pela sua emancipação e seus direitos, sem atravessadores ou representantes.

4 Onde a COB-AIT esta e como os trabalhadores podem se unir a luta?

Temos núcleos em vários Estados e cidades. O importante é fazer um contato tanto por e-mail, quando por correio, ou prestigiar algum evento que seja próximo da

localidade que trabalha ou mora e fazer o contato com nossos militantes. A COB-AIT não se restringe apenas aos trabalhadores, mas a todos os interessados nessa luta, todos podem se associar.

5 Sem duvidas a greve geral de 1917 foi um marco na historia da luta dos trabalhadores com o apoio dos imigrantes anarquistas italianos no Brasil alem de ser a maior greve de toda a historia do Brasil. A COB-AIT apoia as greves gerais e qual e o que ela pode mudar no atual sistema de Trabalho?

A Greve Geral é uma de nossas táticas. Temos um Caderno de Técnicas de Lutas, onde abordamos as estratégias e táticas de luta anarco-sindical.

(Ver no link: http://cob-ait.net/pdf/caderno_002rapid.pdf)

A Greve Geral é uma parte de um processo de ruptura, no seu aprofundamento. Para se chegar nesse ponto é preciso muita energia e preparo, num processo lúdico na luta revolucionária. A luta se dá diariamente, e é muito importante o entendimento disso. Uma Greve Geral não acontece da noite para o dia (infelizmente), para que ela ocorra vários fatores precisam acontecer e é aí que temos que atuar, no aprendizado e troca de experiências que formem as condições para esse processo. Não nada rígido, mas é um processo educativo. Lutar, reivindicar, pressionar, questionar, criticar, organizar e praticar a luta anarco-sindical diariamente, para construir uma nova forma de fazer o sindicalismo, fazendo com que nossa gente não tenha medo de agir de forma direta, fazer a luta e mante-la

sempre que for justa e não legal. Isso leva aos procedimentos de rompimento (sabotagens, greves de expropriação, greve geral etc) que só serão mantido com a força do coletivo consciente dessa luta e suas consequências. Nesse sentido, a Greve Geral é parte de um processo revolucionário mais amplo.

6 É Clara as reações do trabalho aos trabalhadores, a falta de tempo para a família, lazer e descanso. Qual é a posição da COB-AIT a respeito da redução da carga horária de trabalho e somente isso ira resolver os problemas da classe trabalhadora em uma sociedade capitalista?

Desde sempre, a redução da jornada de trabalho é uma reivindicação importante. Nossa proposta, que defendemos desde a reconstrução da COB, é de uma jornada de trabalho de 30h semanais (6h diárias).

Isso não resolve o problema de exploração, mas aliado a outras propostas, reduz o processo. Devemos sempre pensar o processo de luta em duas partes, aquilo que devemos reivindicar agora, a curto prazo e a nossas metas a longo prazo que são claras: a nossa emancipação. A questão por trás disso e que não podemos esquecer é que qualquer carga jornada de trabalho esconde um processo de exploração, que é o lucro que sempre fica com o patronato. Então é preciso ir além da redução da jornada de trabalho, é a distribuição da riqueza produzida. Uma vez distribuída, o passo importante e sempre de forma coletiva, é entendimento do processo de produção e quanto realmente cada um precisa fazer para que seja feita as tarefas

necessárias para que a sociedade se mantenha. Isso é uma nova forma de se pensar o meio de trabalho (nova não seria o correto, porque isso já foi pensado por nossos companheiros de séculos passados, até mesmo na AIT foi apresentado, o que em resumo seria: cada um conforme a capacidade, a cada um conforme a necessidade.

7 Como as pessoas podem saber como esta as ações da COB-AIT, noticia etc.?

O principal meio seria o contato direto com algum militante, núcleo ou seção. Outras formas são o correio e temos uma página na rede que oferece informações, artigos e contatos que é <http://cob-ait.net>. O endereço de correio em São Paulo é: CP: 1933. CEP: 01009-972 - São Paulo/SP aos cuidados FOSP COB-AIT

8 Deixe um recado a todos os trabalhadores que iram ler esse fan-zine!!!

Repetimos a frase de Durruti: levamos um novo mundo em nossos corações!



**A PLEBE UNIDA E
ANARQUISTA SEMPRE!**

A EMANCIPAÇÃO DOS TRABALHADORES
SERÁ OBRA DOS PRÓPRIOS TRABALHADORES





Anarki-sindikatismo **SADOL Campinas**

Tios estas laboristaj luktoj al organizi aŭto-administrata federacio sen partioj en la laboristaj lokoj, en la loĝoj kaj en la lernejoj.

Federacia ĉar ni vivas en la socio kaj ne bezonas ĉies al vivi same kiel unu urbo bezonas alia urbo aŭ unu lando bezonas alia lando al ni vivas bone kaj sane. Tio estas la politika strukturo ke permesas organizi kun aliaj popoloj aŭ samideanoj.

Aŭto-administrato ĉar tio estas nia respondeco kaj ĉiaj niaj homaj aktivecoj estas revezantas. Kial tro ŝargi via geedzoj aŭ via gekunpromenantoj kun hejma laboro, se ni povas dividi inter ĉioj? Oni povas okazi en la aktivecoj de lernejoj, kvartaloj, labora loko kie ĉiu estas farantas kio scias, kio povas kaj amas fari. Ĉiu kontribuas de maniero povi kaj oni disdividas labora riĉeco inter ĉiuj envolvantoj.

Kolektivista ĉar al la oni partopreni, kaj tial oni disdividi nia labora rezulto, ni estas honestaj kaj justaj kun niaj fratoj kontraŭe de ni laboras al ni riĉigas la patronoj. Ni povas labori kune kaj ni distribuas same la riĉeco kio ni produktas! Kaj tio formo ni luktas fakte kontraŭ socia malegaleco.

Sen-partiano ĉar ni zorgas nia vivoj kaj la vivoj de niaj familioj, niaj

socioj, niaj urboj kaj niaj landoj sen partioj nek politikoj. Parazitaj niaj sataj! Se ni konfidas en tiaj kreitoj neniam ni estos liberaj.

La anarki-sindikatoj usas taktikoj kiel la saboto, la bojkoto, la haltigado, la striko ktp. Tioj taktikoj estas premaj formoj kontraŭ la patronoj kaj pedagogio de labora aktuala lukto. Ĉiam kun la intenco de klerigi la laboristoj kaj ankaŭ klerigiĝi al ĝenerala striko kie oni eltiras la industrio, la kampo, la serva fako kaj komerco de la patronaj manoj kaj tio oni estas rekte reprenata. Oni estas rekta ago de ĉiuj al fiksi sekvaĵo de aferoj en komune akordo.

Nia tasko estas tuj organiziĝas nin en la malgrandaj kernoj aŭ sekcioj en la labora loko, en la loĝejo aŭ lernejo al la kune ni konstruas unu granda federacio, malgranda komence. Kaj ĝi kreskas ĉiam, atinganto grandeco de urbo, de metropolo, de regiono, de lando, de kontinento kaj tota mondo. Nia lasta celo estas eldetruji la grandaj homaj malamikoj: patronoj kaj politikoj, t. e., la Ŝtato kaj Kapitalo.

Laboristoj emancipiĝas per mem laboro.

**Sindikato el Artaj kaj Diversaj Oficjoj
Laboristoj de Campinas - SADOL
Laborista Federacio de San-Paŭlo - LFSP
Brazila Laborista Konfederacio - BLK
por- Amerika Laborista Asocio - ALA
Internacia Laborista Asocio - ILA**

UNIÃO E LUTA TRABALHADOR



VOTA NULO!

COB-AIT.NET

O Voto Nulo e a questão legal

Sobre se o voto nulo fará a anulação do processo eleitoral, é algo muito difícil de se afirmar pela forma que se apresenta pela legislação eleitoral. Nela não está associado que o voto nulo seja uma prerrogativa para anulação da eleição. Definem a nulidade da eleição o Capítulo VI, artigos 219 a 224, e neles só entram questões de fraudes, de urnas sem fiscalização etc. Nada de voto nulo.

O voto nulo é considerado um erro e vão além, apontando para falta de cidadania e "egoísmo" por parte de quem vota nulo, já que favorece a eleição de candidatos considerados "ruins" (não sei qual o parametro que usam para classificar um candidato de ruim?). O voto branco segue a mesma lógica, mas possui tecla própria e é uma aprovação prévia de quem ganhar (seja lá quem for!). As duas formas não contam como voto válido, por isso não afetam o processo eleitoral.

Numa situação hipotética de

99% de votos nulos nas urnas, o 1% de voto válido é que conta e que irá decidir (um absurdo, mas é o que "vale", celebrando a famosa frase "não é justo, mas é legal")!!!

Conforme material oficial:

http://www.tse.gov.br/eje/html/info_eleicoes3.html

http://www.tse.jus.br/internet/institucional/glossario-eleitoral/termos/voto_nulo.htm#

É um texto que saiu na Super Interessante sobre o assunto:

<http://super.abril.com.br/cultura/adianta-votar-nulo-446574.shtml>

No texto da Super, há uma parte que lembra que há uma contradição entre legislação eleitoral e constituição federal sobre a eleição majoritária o que poderá acarretar em um embaraço e deverá ser resolvido no supremo (então já se entende qual será o resultado ... no máximo uma nova eleição dentro de dois meses e talvez com os mesmos candidatos).

Tudo isso pela avaliação "positiva", legalista do olhar burguês!

O que isso nos serve de fato?

Para nós pouco importa o processo eleitoral, partiremos sempre de três pontos básicos para apresentar nossas idéias, o que é a parte mais importante de toda essa situação (um meio sem um objetivo não serviria para nada). Não devemos nos prender sobre a questão jurídica da coisa e sim fazer ecoar aos quatro cantos nossos ideais, o qual o período é uma boa oportunidade, não a única e nem a principal:

Vejam o que se considera importante para iniciar uma conversa/discussão/critica sobre o processo eleitoral:

1-O voto obrigatório: Não somos uma democracia? Então avancemos o processo democrático através da responsabilidade consciente e o voto livre, sem ser obrigatório é um passo para isso (de quebra ergue-se também a bandeira contra o alistamento obrigatório, na mesma lógica!). Isso é amplo e muitos grupos, inclusive partidos argumentam favoravelmente sobre isso, embora não sejam entusiasmados com a idéia, pois o modelo atual é muito favorável, vejam a lei nº 9.096 de 19 de setembro de 1995, que dispõe sobre os partidos políticos, o capítulo II - Fundo Partidário, artigos 38 a 44, prevê grana a todo partido "legal", que significa que tal partido mixa no pinico conforme o Estado manda (embora possa dizer que irá mixar fora do pinico, mas no fim mixará até nas calças!). Pois esse fundo coletivo é distribuído entre eles conforme as regras estabelecidas, além disso, podem e ai eles possui certa liberdade de receber "doações=subornos" de pessoas físicas e jurídicas para o partido, que devem ser apresentadas sempre para o TSE. Com isso é uma mina de ouro, eles não vão querer mexer, está muito confortável a situação, se acomodaram no modelo. Precisam de um boa chocalhada e ir trabalhar de verdade, devemos lembralo que quem não trabalha não come!

2-Não Voto: É uma consequência da "obrigatoriedade". Como já escrevemos em outra oportunidade,

não faça do seu direito a minha obrigação! Pouco importa que isso seja uma conquista "democrática", o que levanta muitas dúvidas, uma vez que vemos os escandalos e as enormes somas de recursos que são jogados "fora" dentro da política, onde o voto faz parte dessa estrutura podre, só fiscalizar e ficar de olho nos candidatos não é o suficiente para que andem nos trilhos, o modelo legal favorece por si só as pilantragens e a pilantropia do sistema. Cada deputado por exemplo custa ao cofre público, logo do nosso bolso, o valor de R\$166.512,09 ao mês, muito mais do que algumas pequenas empresas faturam. Esse resultado é a soma dos auxilios, verbas indenizatórias e de gabinete. Detalhe: em todas as esferas parlamentares (vereadores, deputados estaduais, federais e senadores) quem legisla sobre isso são os próprios interessados! Justo não é, mas é "legal"!

Mas se não votar acarreta em penalidade e deve ser muito bem pensado e planejado, porque é uma arma forte se o movimento estiver expandido. Um movimento forte fará os poderosos tremerem, se organizado propondo os ideais do comunismo libertário, então será um sério perigo a ordem dominante O que devemos fazer é fortalecer tal movimento libertário, autogestão já!

3-Voto Nulo: Como já escrito, por si só, nada significa, é só estatística. Mas é o mais fácil para qualquer fazer, não causa problemas, mas cria um comodismo de rebote, na forma de quando aparece um escândalo de determinado partido e

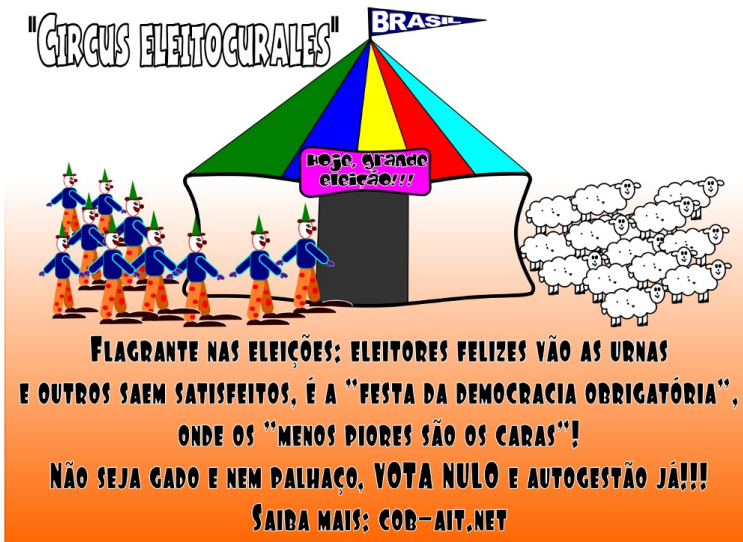
seu político, as pessoas afirmam que é por isso que não vota. O que não resolve muito, porque além de não votar, a pessoa não se mexe, está alheia a meio político, um "analfabeto político" lembrando o conceito do Brecht e esse comodismo político contribui muito para a perpetuação o modelo político e os vanguardistas de plantão que acham que possuem uma missão "divina" de guiar essa turba arredia, mas que não toma uma atitude mais incisiva a respeito.

Novamente, a nossa proposta é a quebra da letargia e que cada um que vota nulo, que não vota e que entende ser hora de mudar, realmente mudar o que significa mandar a legislação para o quiabo e fazer autogestão, assumir esse compromisso, o que é o passo mais difícil. Para a maioria é muito mais fácil manter o sistema, mesmo viciado do que começar a organizar estrutura de rompimento do sistema, porque não possuem referências reais (e aí entra a memória dos oprimidos e explorados, se ela não "existe", fica muito difícil de

ilustrar as pessoas e levarem ao entendimento que é possível, por isso os arquivos e a memória de nossa luta, as experiências autogestionárias devem estar presente e fazer parte de nossos materiais nessas discussões).

Em resumo, o voto nulo só tem sentido aliado a uma proposta, um projeto de autogoverno que mobilize o eleitor, transformando-o de agente passivo em ativo e responsável direto pela política a qual estará em suas mãos e de ninguém mais. Unindo-os, temos organizações políticas descentralizadas de autogestão (anarcosindicatos, associações de moradia, de consumo, de ensino, etc) assumem o vazio do Estado. Esse caminho é caminho que propomos, discutível e desenvolvido agora por todos que se envolvem. Não é uma regra imposta pela força, pela coerção ou por leis feitas alhures de nossa gente.

Saúde e anarquia!



MOVIMENTO LIBERTÁRIO BRASILEIRO - ALERTA!!!

CERTA VEZ um partido resolveu disfarçar sua aparência para enganar mais facilmente. Vestido numa pele "especifista plataformista", ele foi atuar como "anarquistas", achando que enganaria com o seus disfarces de FAG, FARJ, pró-FASP, FAU, OSL, FAO, CAZP, RP...



**NÃO SE DEIXEM ENGANAR!
HOJE UM GRUPO ESPECIFICO,
AMANHÃ UM PARTIDO!**

NEM PATRIA, NEM PATRÃO, NEM PARTIDO!

PELA UNIÃO DO MOVIMENTO LIBERTÁRIO BRASILEIRO E A SUA DEFESA CONTRA A "TENDÊNCIA PARTIDÁRIA" EM NOSSO MOVIMENTO. EM DEFESA DA ASSOCIAÇÃO INTERNACIONAL DOS TRABALHADORES (AIT-IVA) E TODAS AS SUAS SEÇÕES.
FOSP-COB-AIT
WWW.COB-AIT.NET



A Realidade da Perda do Vetor Social do Anarquismo na década de 30*

Existem alguns materiais que indicam que o anarquismo na década de 30 deixa de ter um papel relevante junto aos movimentos sociais brasileiros. Essa afirmativa em uma primeira avaliação e sem um pouco de conhecimento do período parece razoável, mas diante de uma pouco de estudo e acesso a materiais do período nos mostra algo mais: o anarquismo foi atacado tanto pela repressão como pelo totalitarismo de esquerda, na forma dos partidos políticos e que a resistência libertária organizada contra esse avanço não foi capaz de conter. Denominam a isso de perda de vetor social.

O que significa o termo vetor social? É um termo tomado da ciência biológica onde um elemento vivo é meio de transporte para outro (um mosquito transporta um vírus, logo o mosquito é um vetor). Entendendo que o vetor social seja algo parecido com o conceito biológico então deveremos entender

qual seria o vetor social do anarquismo, o que transporta o anarquismo, já que ele próprio não seria seu próprio vetor.

O entendimento da história do anarquismo entre 1900 e 1940 mostra uma extrema vinculação com o anarcossindicalismo ou sindicalismo revolucionário, que no contexto acima apresentado seria um vetor social do anarquismo, uma vez que o anarcossindicalismo por si só não é um fim revolucionário, é o braço para o desenvolvimento do comunismo libertário na sociedade. Outro elemento que pode ser considerado um vetor social são os imigrantes de origem européia que trazem (transportam) experiências organizativa anarquistas, salientando que não trazem algo totalmente novo as terras tupiniquins, uma vez que temos experiências e ações locais consideradas libertárias muito antes de um contato com o anarquismo europeu. A aspiração por liberdade não é algo transmissível, é instinto natural que todxs com um pouco de dignidade instintivamente aspira.

O texto de referência nos induz que faltou elementos "específicos"

anarquistas e uma organização que fossem capazes de manter tais elementos no seio dos movimentos populares. Há uma concepção que se adjetiva como “específica”, “plataformista”, “organizada” dentro do anarquismo. Nela é embrionário, de forma as vezes discreta doutras vezes escancarada, uma construção de “partidos” anarquistas, de organizações, de grupos e estruturas disciplinadas, específicas que sejam “vanguardas” libertárias (protagonistas, lideranças ou que for conveniente no momento), que atuem dentro dos movimentos sociais e da esquerda, formando parcerias e alianças com organizações partidárias diversas para participarem das lutas sociais, com a intensão de conseguirem em algum momento serem de fato uma liderança e referência, imprimindo o “anarquismo organizado” nessas fileiras. Para isso é muito importante que tenham material discursivo, teses e acadêmicos que indiquem que esse caminho seja adequado e que as organizações que seguem essa “corrente” estejam certas, estejam justificadas e alicerçadas teoricamente e historicamente.

Como estamos escrevendo e falando de anarquismo, isso é contraditório com alguns princípios da própria essência anarquista, como a construção de uma organização com todas as características partidárias, menos o nome, como se isso fosse mudar todo o significado político de uma estrutura partidária. Isso foi notado e combatido já naquele momento. No 3º Congresso Operário Brasileiro de 1920 já desconfiavam das ideias partidárias que rondava o

movimento operário, tais como lobos em cima das ovelhas e 2 anos depois irrompia a serpente do PCB para desarticular o movimento operário e levá-lo a capitulação e ao reformismo estatal.

Uma breve pincelada pelos materiais do período, jornais, panfletos, livros e depoimentos nos mostra uma realidade da luta anarquista muito viva e ativa, apesar de todas as perseguições que aconteceram. E não foram poucas. Os sindicatos livres, os anarquistas e todas suas organizações eram tratadas como criminosas. Milhares de companheiros foram presos, deportados ou simplesmente mortos pela repressão.

Se existe um show pirotécnico sobre o movimento sindical no período da ditadura e um endeusamento dos sindicalistas desse período, com filmes, teses e programas especiais e não podemos esquecer aqui também que muitos desses “sindicalistas” estão em cargos representativos, como no caso do presidente Lula. Nada se fala sobre o sindicalismo do início do século e o pouco que é apresentado se faz em forma de curiosidade de museu. Mas toda a luta feita nesse período, pelas características que foram muito mais profundas do que as lutas sindicais ocorridas na ditadura.

Mas por que então não são amplamente difundidas ou retomadas as lutas desse período?

Com a exceção da Confederação Operária Brasileira, nenhuma outra organização tem no sindicalismo revolucionário da AIT uma fonte orientadora. Inclusive nos meios

anarquistas, uma parte prefere atuar com as centrais reformistas ou se silenciar diante do sindicalismo oficial fascista brasileiro, sem soltar um vírgula de repúdio ou defender o rompimento com o modelo fascista. É estranha essa situação, de se afirmarem anarquistas mas não promoverem a luta anarco-sindicalista nos locais de trabalho, que significa o rompimento com o sindicalismo oficial e formar núcleos sindicais livres que se afinem com as bases da AIT.

Por outro lado, não há interesse por parte dos poderosos e dominantes que esta história seja contada e quando for deverá passar pelos filtros partidários e acadêmicos onde serão esterilizados de todo o teor revolucionário e combativo que continham, e para exemplificar isso temos o texto que originou essa nossa reflexão. Ele é embasado em material "acadêmico", logo deve ter algum mérito e tem. Mas cabe que seja comentado, criticado para desenvolver de forma aberta nossa história e que não foi abrangida por inteiro, apenas a parte que interessava.

Conforme avaliação em arquivos dos materiais daquele período se constata que havia muita atividade, embora as perseguições tanto da ditadura varguista como dos partidos, em particular, do PCB recém-criado e que era uma extensão da PC russo altamente totalitário (ver algo de libertário nesse partido é um afronta a memória de quem resistiu à essa traição). Em vários jornais livres foram feitas denúncias sobre as ações de desarticulação dos comunistas que tinham a meta de controlar o movimento operário através de

qualquer meio e através dele atingir o poder também a qualquer preço. Então em muitos casos temos os comunistas deletando, atacando e matando anarquistas para obterem controle dos sindicatos. Ajudaram a destruição do sindicalismo livre, na forma de constituírem sindicatos dentro das novas regras que tornavam os sindicatos livres "ilegais", mas não aqueles dentro das normas como os comunistas e amarelos faziam.

Então temos o avanço da ditadura, reprimindo os sindicatos livres, fechando-os e jogando os sindicalistas revolucionários nas masmorras da ditadura, temos os partidos desarticulando e fragmentando o movimento operário para ocuparem a "vanguarda", a "liderança" nesse meio. Desenvolvendo uma resistência diante dessa investida, os anarquistas e organizações sobreviventes mantiveram ações e preservaram materiais para rearticular o movimento, o que bravamente vem ocorrendo desde então, sem partidos, sem patrões, sem religiões e sem Estado, destacando em 1985 a retomada dos núcleos pró-COB, que trazem novamente anarcossindicalismo como parte da organização anarquista, do movimento libertário brasileiro para construir o comunismo libertário e combater o sindicalismo fascista brasileiro e o capital. Isso permanece até o presente momento.

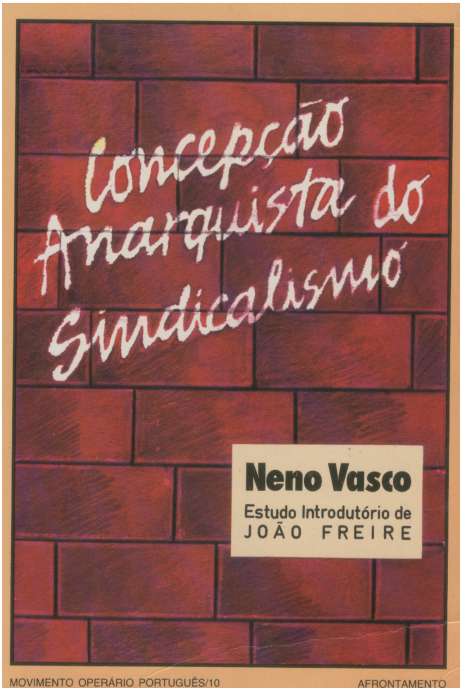
*O texto de referência é de F. Correia, A perda do veto social no anarquismo do anos 1930.

Concepção Anarquista do Sindicalismo - Neno Vasco

A Concepção Anarquista do Sindicalismo foi feito por Gregório Nazianzeno Moreira de Queirós Vasconcelos, cujo o pseudônimo era Neno Vasco, mas não o terminou, vindo a falecer em 1920 por tuberculose, em Portugal. Sua obra inacabada levou três anos para ser publicada, apenas em 1923, em Lisboa, pelo Editorial d'A Batalha.

E foi umas das melhores contribuições ao movimento operário português e em menor instância, no Brasil.

Em uma retrospectiva geral sobre Neno Vasco, ele ficou no Brasil de 1900 até 1911, retornando a Portugal. No



Brasil, foi editor de vários jornais e trocava correspondência direta com Malatesta, de grande impacto em suas obras. Como um indivíduo de seu tempo, escreve sobre o movimento sindical e sua relação íntima com o anarquismo, que neste período está em crescimento, sendo a única referência concreta de luta para os trabalhadores em sua jornada emancipatória.

As características básicas do livro: levanta questões sobre o sindicalismo como movimento social e o anarquismo como ideologia e sua relação, já observando os processos revolucionários que isso acarreta.

A concepção de Neno Vasco é anarquista, isto é sem dogmas, sem doutrinação, mas não há consenso sobre esse assunto, há diversidades de opiniões.

O sindicalismo como tática para o anarquismo, e é muito mais que isso, é uma escolha estratégica por excelência, de importância para o projeto de transformação social. É uma instância de transformação de longo prazo; de dimensões sociais incomparáveis e assume um papel transformador por si só dentro do movimento social. Na história, toda vez que os anarquistas deixavam o movimento operário, igualmente as perspectivas concretas de revolução social deixa de ser prioridade.

A concepção de Neno Vasco : formaliza e teoriza prática das ações dominantes na época (década de XX) – fase expansiva do sindicalismo de influência anarquista que desde a década de 90 do século XIX, na França, Itália, Espanha, Portugal, Suécia, Estados Unidos, Argentina e em países em

industrialização inicial, é preponderante o método anarco sindical. O sindicalismo revolucionário: ações coletivas e de iminência revolucionário. No Brasil é que forja suas convicções anarquistas e amplia seu ideário com o pensamento de Malatesta, e descrever das idéias de Kropotkin vindas da França, principalmente por causa da guerra e da Revolução Russa e do papel que Kropotkin assumiu.

Conceitos de Neno: Malatesta, com quase nenhuma divergência. Forma de escrita visando contextualização da prática e ideário anarquista. Certa rigidez de pensamento (ortodoxia) o que dificulta entender novas situações, e nem sempre é capaz de responder as exigência prática da ação política. Característica mais ética do que política, típica dos anarquistas.

Sobre o livro: introdução com apresentação da teoria anarquista, com destaque no anarquismo comunista (baseado em Malatesta e Kropotkin), de forma a citar os outros expoentes anarquistas de forma periférica.

A vertente anarquista mais considerada: a que mais marcou politicamente a história de seu tempo, oriundo do socialismo da 1ª AIT, vigorosa nos países latinos. Qualificada de revolucionária por excelência (não é educacionista, reformista, individualista). O que Anarco comunismo propõe: socialização da economia, dos meios de produção e de troca, e também a socialização do poder político: seu desaparecimento como centro de decisão governamental e sua dissolução por todo corpo social. Objetivo fundamental e como alcança-lo? Ação e organização direta das massas: aprender agir sem chefes nem intermediários. Fazer hoje, já anarquia.

Para Neno Vasco e Malatesta: o movimento sindical é anárquico desde o berço. A AIT foi essa grande mobilização de associações profissionais coligadas em promover o programa socialista. Os anti-autoritários na AIT lutaram para manter a autonomia e soberania das associações de base contra a tutela de teóricos e dirigentes.

Neno Vasco: “O que no sindicalismo é essencial é organização e ação de classe do proletariado, é o movimento sindical.” A necessidade de defenderem contra a exploração patronal é o que agrupam os operários. Não há ideais socialistas nisso. É pura autodefesa e sobrevivência. A luta direta contra os patrões, via greve ou outros meios de ação direta. A primazia da experiência imediata dos explorados como meio de auto-aprendizagem dum processo libertador é central no anarquismo comunista, como já o era na vertente anti-autoritária da AIT.

Limitação da ação sindical:

-Tentativa da Internacional fundir agrupamentos de ideias com grupos de interesse;

-Os sindicatos devem ter seu limite de ação e defesa dos interesses mediatos dos trabalhadores: salário e hora de trabalho (no método anarquista ao menos). Todos os sindicato são autônomos quanto a influência das escolas políticas.

-Com isso os torna contraditórios e imediatistas, com características

economicistas e corporativistas. Contra isso, Neno Vasco e Malatesta propõem que os anarquistas sejam dentro dos sindicatos, os repositórios da autonomia, da ação direta e do anticapitalismo. Pelo motivo que não querem a direção dos sindicatos e nem dirigi-los, e muito menos atrela-los a interesses partidários, eles possuem o perfil para defesa dos sindicatos e atentos aos ataques dos inimigos dos trabalhadores, mantendo-os independentes e livres.

Os anarquistas devem ser sindicalistas, por ser um terreno fértil para o ideário libertário. Mas atentos a não impor aos sindicatos uma doutrina (a sua) ou um programa anarquista e também a não se tornar um ambiente liberal e burguês, perdendo sua característica de associação de resistência e formação revolucionária.

Dentro deste contexto, existe uma dialética entre movimento anarquista e movimento social do operariado, onde cada um tem seu próprio perfil e influenciando um ao outro. Isso acarreta uma interação entre anarquistas e os trabalhadores, um tanto quanto confusa, pois se dificulta a visualização de onde um movimento termina e começa o outro nesta relação. E acarreta ainda uma concepção de centralismo teórico, tendo o anarquismo como uma orientação “justa” ou “caminho correto”, levando a Neno Vasco a advertir contra as possíveis ações de subordinação a uma doutrina, ou com o pretexto de independência, não mais haver nenhuma discussão ideológica, sobre controle de uma minoria esclarecida.

Neno Vasco como Malatesta, atribui ao sindicato um papel de destaque na revolução social. Pois não consideram que o sistema capitalista gerará as contradições que o levará a derrocada. Será preciso mais organização, tanto com o povo em armas, como depois, nas necessidades iniciais do novo sistema, e esse papel é preponderantemente sindical, embora não oficialmente aceita, já que estão constituídos como unidades de resistência popular e com os conhecimentos profissionais necessários aos desafios do novo sistema. Isso corrobora com a Carta de Amiens sobre o sindicato “hoje grupo de resistência, será no futuro associação de produção e de distribuição, base da reorganização social”.



O modo anarquista de interpretar o sindicalismo: não é o único espaço de atuação anarquista, mas é um espaço importante para o anarquismo. É possível destacar:

-A magnitude da população colocada em movimento pela ação sindical (comparativamente com outras formas de ação);

-O processo contínuo de formação e informação dos trabalhadores através de sindicato estruturado, criando condições de auto aprendizagem ao proletariado;

-As estruturas básicas para produção e distribuição após o processo revolucionário;

-O caráter classista das associações sindicais, formando uma nova moral que gira em torno do trabalho, dos produtivos contra o parasitismo explorador das elites e aproveitadores;

-A aceitação do internacionalismo proletário, antibelicismo e contra o intervencionismo dos políticos profissionais;

-Unificação dos trabalhadores através de núcleos independentes, para além das preferências ideológicas e partidárias;

-Valorização das ações sindicais diretas (a greve, a greve geral, o boicote, a sabotagem) contra as ações burocráticas e indiretas (mesas de negociação fechadas, representatividade, parlamentarismo, gerenciamento jurídico e governamental e políticos e partidos profissionais).

Isso descarta dois modelos de ações: as insurreições populares, organizadas por grupos secretos (como Bakunin incitava) e a propaganda pelo fato, que levou ao terrorismo e a ilegalidade do movimento. As organizações sindicais que levavam milhares de trabalhadores a lutar por sua emancipação, distanciando das ações controladoras e reformistas dos marxistas, tornava os dois modelos desnecessários.





Historia de Exploração: Soja

A soja foi introduzida no país em 1882, começando a ter relevância econômica mesmo a partir da década de 40. Em 1960, com uma política de subsídio ao trigo, tem um arranque produtivo na região sul país. O trigo era plantado no inverno e a soja no verão.

Com o investimento de pesquisas na área, o crescimento de produção não parou, expandindo para região centro-oeste onde promoveu o Estado de Mato Grosso, ocupando vasta área do estado, agravando os problemas ambientais pela destruição da vegetação nativa.

Para a compreensão da expansão da soja no país, destaca-se: mercado internacional em alta na década de 70 pela baixa produção da soja na China e Rússia e da pesca de anchova no Peru, base para a produção de ração animal; uso de gorduras vegetais mais saudáveis do que de origem animal; construção de uma rede agroexportadora para produção em larga escala e seu escoamento; alta mecanização da produção e colheita; amplo território para plantio e pouca fiscalização.

Esse complexo agroindustrial e político tem envolvido corporações transnacionais e governos que levam a destruição progressiva da Amazônia e Cerrado e alta concentração de renda em poucas mãos.

É muito importante saber que a exportação de grãos em sua grande parte é para a produção de farelo, base para ração animal em cativeiro (gado bovino, suíno, galináceo). Há uma questão de que a alimentação a base de carne é muito mais cara e é fonte de opressão de espécies (abordamos isso com a questão da pecuária). Se levarmos isso em conta, o uso e destruição de grandes áreas para o plantio de uma monocultura para alimentar animais no exterior não se sustenta e é apenas especulação de commodities de grande impacto ambiental.

A produção de soja está presente em 15 estados, tendo estados que o crescimento está na ordem de 300%, com grandes danos ambientais. O uso de sementes transgênicas também causam problemas e não se tem nada realmente comprovado se são aptas para consumo ou não de qualquer espécie animal, no país não estava autorizada a produção de soja transgênica, mas grandes safras foram obtidas mesmo assim, um claro desafio

ao poder público pelo produtores de soja. Com os portos lotados, a produção foi liberada para não perdê-la. É claro que o governo não queria perder os impostos que isso renderia,

A defesa dessa degradação é econômica: que se equilibra a balança de pagamento do país através das exportações agrícolas, ou seja, continuamos um país “colônia”, produtor e exportador de matérias-primas de baixo preço que então serão produzidas em larga escala e importador dessas mesmas matérias, só que transformadas a preços muito maiores. E contam com um grupo de parlamentares e assessores jurídicos para defenderem esses interesses. O Mato Grosso por exemplo, é controlado pelos latifundiários e o governador é dos maiores produtores de soja. Defendem ainda que é a vez desses Estados terem um grande desenvolvimento e não podem ser parados por Estados que fizeram o mesmo no passado como o Rio de Janeiro, São Paulo e Minas Gerais.

Enquanto isso ocorre, as queimadas avançam para abrir o pasto e plantações de soja sem nenhum controle, limitado a um monitoramento via satélite totalmente impotente diante da castastrofê e outra ocorre pela via parlamentar que é a pressão da bancada ruralista para reduzir a área de preservação ambiental em terras cultivadas, alegando que para essa manutenção acarreta em redução de produção, mais impactante nos pequenos produtores, que são usados como fantoches nessa briga por terras e mais terras.

O amplo uso de agrotóxicos, a

baixa empregabilidade e a continua necessidade de terras, levam a um êxodo rural, de pequenas famílias para as cidades, são impactos negativos que não se revertem com a concentração de renda desse agronegócio nas grandes multinacionais como a Cargill e a Bunge e dos latifundiários.

O pouco retorno social é um ônus de repercussões alarmantes para toda a sociedade que visa um planeta mais harmonioso. A monocultura da soja pode ser avaliada como um crime ambiental nas condições que é feita atualmente, repetindo a vocação brasileira de exploração extrema de seus recursos naturais e baixíssima distribuição de renda resultante.



Alta mecanização da colheita ...



Queimadas ampliam áreas de plantio, sem controle e desvasta a vegetação nativa.

SINDIVÁRIOS-FOSP-COB-AIT

TRABALHADOR!

**O VICIO TE
CONDUZIRÁ AO
DESESPERO E A
LOUCURA**



EVITA!

**COB
AIT**

ADAPTAÇÃO DO ORIGINAL DA CNT-AIT

LEIA



Cadernos Anarco-Sindicais, propagador do sindicalismo revolucionário

<http://cob-ait.net>

Cadernos Anarco-Sindicais são publicações da Federação Operária de São Paulo seção Campinas, com informações sobre o sindicalismo revolucionário. Produzido pelos próprios associados da FOSP, é o defensor das classes oprimidas e exploradas. Títulos disponíveis: 1- Técnicas de luta ; 2- Sindicalismo e Movimentos Sociais

Mais informações:

Federação Operária de São Paulo - seção Campinas
Caixa Postal: 5005 CEP: 13036-970 Campinas-SP

Na rede:

<http://fosp.anarkio.net>

correio eletrônico: campinas@fosp.cob-ait.net